



RELATÓRIO

41º Festival Nacional de Teatro
Pindamonhangaba/SP 2019

CRÍTICO: ANA ROXO

DIA: 12/11/19

CATEGORIA: INFANTIL

PEÇA: EXISTO

GRUPO: CIA. LA LECHE

CIDADE: SÃO PAULO SP

Um dos maiores desafios e prazeres do teatro é poder tratar, em cena, de temas atuais, sensíveis e polêmicos. Maior ainda o desafio se a peça é destinada ao público infantil. “Existo”, é a história de um menino que queria usar vestido, queria ser lagartixa, pombo, menina. Sim, menina. E, olha só, se você acha poético a história de um menino que queria ser um pássaro, mas acha um absurdo se ele quiser ser menina, você está com um sério problema de preconceito, dado que meninos são mais parecidos com meninas do que com pássaros. Por que raios seria poético um menino querer ser lagartixa ou jacaré e um absurdo querer ser menina?

Alessandro Hernandez, autor do texto e ator que dá corpo a Luan, sabendo da poesia que se pode extrair da saga de um menino que sonha em ser outra coisa, constrói um texto poético, cheio de metáforas. Metáforas potentes, lindas. Cris Lozano, que dirige a peça, desenha tudo com a meticulosidade que lhe é peculiar. A peça inteira é um aconchego. O ambiente nos remonta à um quarto, que logo descobrimos ser uma torre, onde Luan vive sozinho com a mãe. A história gira em torno da reclusão de Luan em sua torre - querendo descobrir quem é e poder existir do jeito que é - e uma mãe que não sabemos se quer que ele saia ou se é quem aprisiona. Talvez ela também não saiba, por isso não sabemos se o aprisionamento é proteção, vergonha, medo.

Num certo sentido, autor e diretora protegem também seu tema do julgo público. Não deixando claro o conflito (que se você não entendeu ali em cima, é o existir desviante X preconceito), peca por excesso de subjetividade. Ao tentar deixar nas entrelinhas, ou apenas dentro da cabeça de Luan, acaba por esconder o conflito num subtítulo numa nota de rodapé num ermo canto de página. Seria necessário, para materializar o conflito, que saibamos qual seu opositor. Eu precisaria entender, na dramaturgia, como, por quê e quem manifesta esse preconceito. De quem e do quê Luan tem medo. E o entendimento ganharia força se o antagonista de manifestasse de uma forma que diferisse dos almejos e temores de Luan.

Mas eu entendo a proteção. Todos nós, criadores, estamos na torre com Luan. Estamos com medo da censura velada, do discurso conservacionista, reacionário. Temos medo das recusas do contato com a arte, que pra alguns, nossos algozes, se degenerou. Temos medo que, aquecidos, maquiados e com nossos figurinos, recebamos a notícia de que aquele determinado grupo, sem ao menos ver nossa arte, nos condenou. Tal nossa arte degenerada. Se você não

entendeu a referência, vou te explicar: quem usava bastante esse termo de “arte degenerada”, era um tal de Hitler, sabe?

Mas como Luan, nós, artistas, vamos também saltar da janela e proclamar: “EXISTIMOS!”. E sairemos dançando, rodando, brincando, pintando e bordando. De vestido, de terno, de calça de látex. Pelos teatros, praças, ruas, pradarias. “Existimos! Existimos! Existimos!”